

CLÓVIS MONTEIRO E A IMPORTÂNCIA DE SUA OBRA FILOLÓGICA

Antônio Pessoa Pereira

Na qualidade de titular da cadeira n.º 9 da Academia Cearense da Língua Portuguesa, sinto-me desvanecido pela oportunidade que se me oferece de, nesta festa aniversária do Ideal Clube, coincidente com o 90.º aniversário de nascimento do Patrono da cadeira, o Professor Clóvis do Rego Monteiro, poder falar, para o seletó auditório aqui presente, das qualidades excelsas de educador e do extraordinário desempenho lingüístico que o consagram como um dos expoentes da maior expressão dos estudos filológicos em terras do Brasil.

Clóvis Monteiro nasceu em Fortaleza, há precisamente noventa anos, no dia 10 de setembro de 1898.

Filho de Adolfo Thiers do Rego Monteiro e de Júlia Rodrigues Monteiro, irmã da consagrada escritora Alba Valdez, bacharelou-se, em 1926, em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito do Ceará, tendo sido o orador oficial do término de curso.

Como muitos dos jovens de talento do Ceará, Clóvis Monteiro incursionou, a princípio, pelos meandros da vida burocrática. Desempenhou a função de auxiliar de secretário do Presidente do Estado. Embrenhou-se muito cedo, nas lides jornalísticas, deixando-se empolgar, com relativa fidalguia, pelo fascínio das letras.

"Sem falar nas revistas *Fênix* e *Colombo*, assevera o ilustre autor da *História da Literatura Cearense* que ele," com apenas quinze anos de idade, já colaborava no *Unitário*, periódico oposicionista, ao lado de João Brígido, seu fundador e diretor.

"Em 1915", são expressões de Dolor Barreira. "vamos encontrá-lo a prestar o seu valioso concurso ao *Correio do Ceará*".

O estro poético do novel jornalista alça, então, os primeiros vãos: surgem-lhe os sonetos da mocidade, que, no dizer de Sabóia

Ribeiro, tendem, em geral, mais para uma "suave filosofia" do que para a perfeição artística, calcada na "graça e na simplicidade", que ele, também, as possuía com muita beleza e elegância. (2)

Apenas como demonstração de sensibilidade e delicada estesia daquele cuja vida foi exemplo de justiça e de bondade, transcrevo, de sua lavra, o soneto *Prece*, de temática idêntica à de *A Casa da Rua Abílio*, composição que a todos encanta pelo sentimento de ternura e de renúncia que o envolve.

Como o de Alberto de Oliveira, (13) o soneto é dedicado a uma filha, Maria Lyriss, Irmã Luísa Maria, postulante de Notre Dame de Sion. Ouçamo-lo:

Rebento de meu ser, alma nascida
De duas almas a quem Deus juntou,
Tornando-se uma só, numa só vida,
Até que, cega, a morte as separou...

Por minha mão te viste conduzida,
Fazendo-me mais forte do que sou,
A essa casa de Deus, casa querida,
Onde também meu coração ficou.

Por ti, por teu amor, agora, certo,
A jornada farei com menos custo,
Pois me sinto de Deus muito mais perto...

E, orando ao Céu, suplica, em doce tom,
Não me falte a alegria de ser justo,
Nem tão pouco o desejo de ser bom.

A faceta poética de Clóvis Monteiro, portanto, com incursões pelo verso de cunho filosófico, de acentuada religiosidade e fé, ou pleno de lirismo e amor à natureza seria suficiente para a glorificação deste cearense: uma das pilastras dos estudos filológicos brasileiros.

Graças à profunda familiaridade com os clássicos da língua, ao domínio pleno da cultura humanística, haurida em fontes cristalinas, à aguda percepção de nuances do pensamento e à habilidade de vislumbrá-lo no seu todo e nos seus aspectos críticos essenciais, Clóvis Monteiro enveredou, também, há algum tempo, pela crítica literária "dando mostra", no dizer do Prof. Dolor Barreira, "de ter para o gênero indiscutível tendência".

Segundo o mesmo autor: "Na sua crítica há conceito e estilo, aquele claro e incisivo, este, majestoso e inconfundível.

Forma tersa. Termo exato. Adjetivo adequado.

Evidenciam-no irretorquivelmente os seguintes trabalhos da sua lavra: — *Dentro do Passado* — poema de OTACÍLIO DE AZEVEDO; DA COSTA E SILVA — *Sangue e Zodíaco*; RODOLFO TEÓFILO — A propósito de *Cenizas e Tipos*; ANTÔNIO SALES — *Minha Terra*." (2)

Para que tenhamos comprovada, neste estudo, a aguda visão crítica e olho clínico do Prof. Dolor Barreira quando opina que, na crítica que faz o nosso biografado, há "conceito e estilo: aquele claro e incisivo; este, majestoso e inconfundível", não nos furtemos ao prazer de ouvir a página verdadeiramente antológica sobre *Zodíaco*, obra do poeta DA COSTA E SILVA na apreciação crítica de Clóvis Monteiro, um dos baluartes dos estudos filológicos do Brasil.

Ei-la:

"DA COSTA E SILVA conhece bem a língua e dispõe de vocabulário vasto e pouco comum.

Observador atento, nada escapa à sua argúcia; quando investiga, esmerilha um tema; e, em dele tratando, fá-lo com acentuada superioridade, como quem tem consciência do que pode produzir.

É sectário convicto da teoria difundida por Spinoza e no seio da natureza é que vai buscar o consolo às suas mágoas, alento vivificante.

A sombra das árvores amigas, encontra o que lhe falta ao espírito extenuado das lutas insanas e sem tréguas. Assim é que o vemos dizer, do alto da torre da sua fantasia, onde se sente circundado de luz:

"Quando elas ao infinito se socorrem,
Por que seus pobres ramos não enviúvem,
Tenho um desejo ardente de ser nuvem
Para dar vida às árvores que morrem."

Não é coisa fácil o compreender-se um artista, e a dificuldade, talvez a maior, que há em compreendê-lo — disse João Ribeiro nas suas elegantes *Páginas de Estética* — é a persuasão de que a alma fica emparedada no corpo, quando, ao contrário, está derramada no Universo.

A arte é misteriosa. Muitas vezes acontece que o trabalho que se procura julgar não é dotado dessa simpatia comunicativa às correntes invisíveis de todas as almas que sentem; isto, pela natureza do assunto.

Em tais emergências, faz-se mister que ao assunto nos afeiçoemos, pouco a pouco, disseminando-o, analisando-o para só então podermos apreciar a obra elaborada.

Assim se apresentou DA COSTA E SILVA no *Zodiaco*.

Mas estudei, compreendi o artista e considero mui bem aproveitado o tempo empregado neste mister. Foi o poeta prover de luz o espírito em fontes diversas, talvez sondando os vários gêneros de poesia. E foi esse gênero tão eximamente cultivado por Leconte de Lisle, o gênero parnasiano, o que melhor calou no seu temperamento. Apura-se sobremodo na feitura do verso, e, às vezes, a idéia parece ir-se apagando — como suave claridade de luar — sob o brilho vivo e ressaltante da forma.

E poderia também aplicar-lhe o conceito de um crítico espanhol sobre Ruben Dario, o exímio burilador das *Peregrinaciones*:... *ha sabido robustecerse con la assimilacion y ser original como se debe ser, no empeñandose em decir lo que los otros han dicho nunca sino esforzandose en ser una personalidad cada vez de mayor relieve.*

As suas produções que não considero como ótimas, tenho como boas. E como que até lhe voto um certo amor, a par da minha admiração, quando fala na sua terra natal... É que a ela também me ligam sagrados laços. Nunca pisei o solo piauiense, mas muito quero ao Piauí. Ao ler *Minha Terra*, um sentimento estranho me invade a alma, sentimento que diria saudade — recordações de aspectos nunca vistos, mas que pareciam apagados da imaginação..." (2)

Até aqui, em rápido bosquejo, o jornalista, poeta e crítico literário Clóvis Monteiro.

Estes predcados e a aguda sensibilidade estética irão influir, mais tarde, no desempenho do magistério de Clóvis Monteiro para quem ao pendor pelo saber científico se alia a beleza e encanto de suas aulas de língua e de literatura, conforme depõem quantos o tiveram como professor.

A vida de Clóvis Monteiro é um dos inúmeros exemplos de cearenses que, à força de ingentes sacrifícios, vencem pelo trabalho, pela cultura e pela inteligência.

Muito jovem ainda, morrendo-lhe o pai, assume os encargos de família a fim de prover ao sustento da mãe e dos sete irmãos mais novos.

Não satisfeito com a incipiente atividade jornalística para a qual, muito cedo, se credenciara, tornando-se, inclusive, aos dezesseis anos, secretário do jornal *A Tribuna*, vibrante periódico da época, Clóvis Monteiro, com dezenove anos de idade, em 1917, dá asas à inata vocação para o magistério e submete-se, pela primeira

vez, a um concurso para a Marinha Nacional. Conquista “bravamente a cadeira da Escola de Aprendizes Marinheiros do Ceará”, segundo expressão de Leonardo Mota de quem fora auxiliar de secretário, no governo do Presidente Dr. João Tomé. (2)

Três anos depois, em 1920, com o arroubo, talvez, de quem, no dizer do poeta: “sou pequeno, mas só fito os Andes”, escreve a tese: *Morfologia e Sintaxe do Substantivo em Língua Portuguesa*, a fim de concorrer a uma cadeira de Português no Colégio Militar do Rio de Janeiro, façanha que não pôde levar a termo, por dificuldades em conseguir inscrição ao concurso.

Referida tese, no dizer de Sílvio Elia; “Embora trabalho de mocidade, já dava bem a medida do futuro mestre da língua, pelo tom de seriedade e consciência científica com que foi escrito”. (5)

A propósito, ainda, desta monografia, transcreve o Prof. Dolor Barreira, em pé de página da *História da Literatura Cearense* (pág. 208), alguns trechos de uma carta encomiástica de Cândido de Figueiredo, que, após minuciosas observações sobre o seu conteúdo, expende considerações vazadas nas palavras seguintes:

“Num recente e substancioso estudo filológico, que o Sr. Clóvis Monteiro, candidato ao professorado, publicou, há meses, no Ceará, com o título de *Morfologia e Sintaxe do Substantivo na Língua Portuguesa*, leio o seguinte, etc.”

“E, contudo, o livro do Sr. Clóvis Monteiro denuncia criterioso estudo e não vulgar saber, constituindo, para mim, bela revelação de um novo e ponderado lingüista.

Desta revelação se devera envidar o Ceará, como por ela se devem congratular quantos no Brasil melhor conhecem a língua portuguesa.

Por mim, à parte uma ou outra divergência acidental, não posso nem devo esquivar-me a felicitar o Sr. Clóvis Monteiro pela excelência do seu trabalho, tão bem pensado como bem escrito”. (2)

CÂNDIDO DE FIGUEIREDO (in *Correio do Ceará*, de 21.09.1921).

Note-se que o mestre Clóvis Monteiro, a essa época com apenas vinte e dois anos, não arredara ainda os pés das plagas cearenses.

Em 1927, a fim de concorrer a uma cadeira do Colégio Pedro II, transfere-se definitivamente para o Rio de Janeiro, “onde”, segundo Raimundo Girão, “iria brilhar nos domínios da Filologia”. (7)

Enfrentando, em 1928, uma aguerrida concorrência de trinta e oito competidores, obtém, brilhantemente, o 1.º lugar no concurso para Professor das Escolas Técnicas do Distrito Federal. (6)

Logo mais, com a tese *Traços do Romantismo na Poesia Brasileira*, Rio de Janeiro, 1929, consegue novamente a 1.ª classificação

em rumoroso concurso para a recém-criada cadeira de Literatura Vernácula, Especialmente Brasileira, na Escola Normal do Distrito Federal, hoje Instituto de Educação do Estado do Rio de Janeiro.

A tese com que Clóvis Monteiro se apresenta à banca examinadora, dividindo-a em duas partes, ocupa-se, na primeira, com "reflexões sobre o período clássico"; na segunda, com "as correntes românticas". "Naquela", diz o Prof. Sílvio Elia, "faz a necessária distinção entre a língua popular e a literária, e observa como é falaz a opinião dos que pretendem," segundo palavras do próprio autor, "que o português se tenha deturpado, até na sintaxe, ao contacto de falares rudes no meio americano". "Tratando da literatura colonial", são ainda palavras do Prof. Sílvio Elia, "critica a doutrina dos que falam numa espécie de nativismo literário prematuro e mostra quão fiéis imitadores dos clássicos continuaram sendo, p.ex. Gregório de Matos e Basílio da Gama. Na segunda parte ocupa-se com as características germânicas do Romantismo — a alma do povo, encarnação mítica das forças nacionais, tudo afeiçoa, inclusive a Literatura e a sua repercussão nas obras dos nossos primeiros românticos, como Gonçalves de Magalhães e Gonçalves Dias". (5)

Em 1931, publica a obra que lhe haveria de dar notoriedade: *Português da Europa e Português da América*, com o subtítulo: "Aspectos da Evolução do nosso idioma". Rio, Depositária J. Leite.

Nesse trabalho reuniu ele três estudos:

- a) *Da Tendência Analítica;*
- b) *Da Influência Tupi;*
- c) *O Problema Ortográfico.*

Na *Tendência Analítica*, expõe, em síntese bem estruturada, a evolução da morfologia indo-européia para as línguas clássicas e destas para as línguas românicas. Na *Influência Tupi*, vai desde sua caracterização lingüística da chamada "língua geral" até à presença de traços indígenas no português do Brasil. Na parte referente ao *Problema Ortográfico*, defende a simplificação da escrita, e a conclusão do seu ponto de vista, ele a resume com as palavras seguintes: "Do exposto se conclui que, na reforma da nossa ortografia, andarás sempre de deslize em deslize quem se afastar da orientação traçada pelos portugueses, com o sábio lingüista Gonçalves Viana à frente. Qualquer passo contrário ao plano português tenderá para a anarquia e para o caos". (11)

Tendo-se apresentado para a docência livre do Pedro II com a tese: *Da Tendência Analítica na Evolução do Nosso Idioma*, publicação da *Empresa Gráfica Editora*, Rio de Janeiro, 1926, cuja dou-

trina, sobejamente e com enexcedível proficiência defendida, constitui, atualmente, a 1.^a Parte de *Português da Europa e Português da América*, volta, em 1936, a concorrer à cátedra de Português do Colégio Pedro II. onde já era docente livre, com a tese *A Língua dos Cantadores* (Contribuição para o estudo do português popular no Nordeste do Brasil), Rio de Janeiro, 1933.

A tese, como explicita o subtítulo, estuda a "linguagem popular do Nordeste", tendo como base "textos coligidos, publicados e comentados pelo escritor cearense, Sr. Leonardo Mota e que figuram no seu livro *Cantadores*". (9)

Ciente de que "É em textos populares que melhor se pode apreciar a linguagem do vulgo, em todo o seu colorido emocional e ao mesmo tempo a sua natureza simples", segundo conceitua J. Leite de Vasconcelos, *Opúsculos*, II, pág. 77. Clóvis Monteiro lastima, na apresentação que faz de sua tese, "o atraso em que nos achamos quanto ao estudo da nossa língua vulgar"; aponta, como trabalhos realizados com orientação científica o *Linguajar carioca em 1922*, de Antenor Nascentes; o *Dialeto caipira*, de Amadeu Amaral; a monografia de José Oiticica — *Do método ao estudo das línguas sul-americanas* e conclui peremptoriamente: "Não fui dos primeiros, mas não queria ser dos últimos. Já é tempo de pensarmos em reunir elementos para um plano geral de nossa geografia lingüística." (9)

Referida tese, que evidência uma de suas constantes preocupações filológicas, ela a defendeu com o brilho e a invulgar sabedoria que o caracteriza. Valendo-me de uma expressão de Sílvio Elia: "A cátedra lhe coube no cotejo". (5)

Tratando-se do extraordinário batalhador que ele foi, vem a calhar aqui, com veemência e muita propriedade, o aforismo: "*ad astra, per aspera*" = "*aos astros, por caminhos ásperos*", síntese magnífica da vida profícua e multisciente do mestre exímio, expressão maior desta Academia, que o escolheu como Patrono da Cadeira n.º 9, a qual, com merecido e desmedido orgulho, tenho a honra de ocupar.

Com a criação, a partir de 1939, das Faculdades de Filosofia no Brasil, Clóvis Monteiro passou a ocupar, com invulgar eficiência didática e conteudística, as cátedras de Língua Portuguesa na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Rio de Janeiro e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Instituto Santa Úrsula.

Foi, seguidamente, Diretor da Escola Secundária do Instituto de Educação, Diretor do Internato e do Externato do Colégio Pedro II, em períodos diferentes, e Secretário Geral de Educação e Cultura

da antiga capital da República, cargo em que permaneceu até 1951, no Governo Mendes de Moraes.

Segundo depoimento de um de seus colegas, Clóvis Monteiro, graças à sua marcante presença no Internato do Colégio Pedro II, "fez de um velho casarão, que poderia ser triste, o alegre lar de todos, em razão do tratamento compreensivo e amigo que a todos dispensava, não fazendo distinção entre seus filhos que ali estudavam e os demais alunos". (1)

Acrescenta, por sua vez, o Professor Carlos Henrique da Rocha Lima, Presidente, como o fora Clóvis Monteiro, da Congregação do Colégio Pedro II, que "o mestre insigne de futuros professores",... o intelectual de nomeada em todos os recantos do País... jamais deixou de ser — fundamentalmente, nuclearmente, sangüineamente — *um homem do Colégio Pedro II!*"(1)

Em "A vida e a obra de Clóvis Monteiro", notas biográficas estampadas na página XIII, da Miscelânea Filológica, em Honra à Memória do Professor Clóvis Monteiro, Editora do Professor, Rio de Janeiro, 1965, afirma o Prof. Jairo Dias de Carvalho, falando da sua atuação como educador e administrador, que, "Na Secretaria de Educação e Cultura, realizou Clóvis Monteiro notável trabalho educativo instituindo, com o lema — "primeiro alimentar, depois educar" — o almoço escolar, revitalizando o ensino com os Ginásios Industriais, criando as Escolas Rurais, duplicando, em pouco mais de três anos, a rede escolar". (1)

Como se vê, o que se apregoa, hoje, como avanços sociais na área da educação, tipo merenda escolar, Clóvis Monteiro já o fazia há cerca de meio século, sem pompa, sem fantasias.

A sabedoria do "*Nil sub sole novum*", do Eclesiastes (Ecles. cap. I, v. 10) continua, impávida, varando os séculos.

Clóvis Monteiro, como acentua Sílvia Elia, "Não publicou muito, mas em tudo que escreveu há o selo de uma inteligência arguta servida por bem sedimentada cultura. Foi dos nossos poucos filólogos que puderam dedicar-se não só à língua, mas também à Literatura, e a esses estudos trouxe sempre uma palavra de bom senso e de sábia moderação". (5)

Estreando, no Ceará, em 1920, com a tese intitulada *Morfologia e Sintaxe do Substantivo na Língua Portuguesa*, produziu, no decorrer de sua existência, afora trabalhos inéditos, as seguintes obras:

1. *Morfologia e Sintaxe do Substantivo na Língua Portuguesa*, Fortaleza, 1920.
2. *Tracos do Romantismo na Poesia Brasileira*, Rio de Janeiro 1929.

3. *Português da Europa e Português da América*, Rio de Janeiro, 1931.
4. *A Linguagem dos Cantadores*, Rio de Janeiro, 1933.
5. *Nova Antologia Brasileira*, Rio de Janeiro, 1933.
6. *Denominação da Língua Nacional*. Parecer publicado pelo Serviço de Divulgação do Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro, 1948.
7. *Ortografia da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, 1956.
8. *Fundamentos Clássicos do Português do Brasil*, Rio de Janeiro, 1958.
9. *Esboços de História Literária*. Rio de Janeiro, 1961

Como obra didática, o Prof. Clóvis Monteiro deixou-nos a *Nova Antologia Brasileira*, obra primorosa, de organização didática exemplar, destinada a substituir, nos estabelecimentos secundários do país, a começar pelo Pedro II, a "veterana antologia" dos professores do Colégio Pedro II, o cearense dos Inhamuns, Fausto Barreto, pai de Mário Barreto, e o grande polemista Carlos de Laet.

Priorizando dez autores cearenses altamente representativos no cenário da literatura nacional, estampa, logo de início, como dedicatória muito sugestiva e afetuosa, o seguinte: "À memória de MÁRIO BARRETO,

Mestre a quem se deve, em grande parte, o progresso dos estudos filológicos no Brasil. homenagem de C. M." (7)

A Nova Antologia Brasileira, trazendo, como introdução, uma síntese substanciosa do seu bem elaborado conteúdo, inicia-se com as seguintes palavras:

"Enfeixa a Nova Antologia Brasileira, trechos escolhidos em prosa e verso, dos vultos mais expressivos das diversas correntes que se formaram em nossa literatura, desde que ela, fugindo, às vezes ostensivamente, à imitação da literatura portuguesa, começou a exprimir, de algum modo, o espírito nacional". (7)

"Filólogo dos mais completos que o Brasil já teve", na feliz expressão de Jairo Dias de Carvalho, Clóvis Monteiro não se filiou a grupos ou escolas. Seu pensamento era vigoroso e original e em seus livros se afirmam os méritos de quem se fez por si mesmo, vencendo obstáculos que abateriam espíritos menos fortes". (7)

"Mas", conclui o mesmo biógrafo, "o que dele conhecemos dá-nos a medida de sua grande inteligência, de seu admirável talento, de sua sólida formação humanística". (1)

Apesar, no entanto, de não se ter filiado a grupos ou escolas, Clóvis Monteiro pertence à geração em que pontificam grandes e ilustres nomes nacionais como o Pe. Augusto Magne, Antenor Nas-

centes, Sousa da Silveira e José Oiticica, sucessores da geração em que se afirmaram o ilustre erudito cearense Heráclito Graça, (com *Fatos de linguagem*) e Mário Barreto (com *Estudos da Língua Portuguesa*), empenhados, ambos, no combate "à orientação autoritária em questões gramaticais". (5)

Da geração de Heráclito Graça e de Mário Barreto fazem parte nomes da estirpe de João Ribeiro, o precursor da direção filológica, com os *Estudos Filológicos*; Pacheco Júnior, que, no dizer de Antenor Nascentes: "escreveu magnífica introdução à *Gramática Histórica* e descobriu a Semântica ao mesmo tempo que Bréal", e Manuel Said Ali, "um dos maiores vultos da Filologia Portuguesa de todos os tempos", na abalizada conceituação do Prof. Sílvio Elia (5)

Pois bem, a estes que a geração de Clóvis Monteiro leu ou ouviu como professores vem agregar-se, ademais, a formidável plêiade de sábios que, em Portugal, constituem a esplêndida galeria de cultores da Filologia: Leite de Vasconcelos, Carolina Michaelis de Vasconcelos, Epifânio Dias, José Joaquim Nunes, Gonçalves Viana, Antônio Augusto Cortesão.

A Filologia, portanto, a ciência que, no dizer de Serafim da Silva Neto, "encerra todos os estudos possíveis acerca de uma língua ou grupo de línguas", (8) apresentava-se, pode-se dizer, já em plena e calorosa efervescência, principiando, portanto, a engrossar, com as valiosas contribuições de brasileiros, o imenso cabedal de estudos iniciados pelos eminentes sábios portugueses.

Nomes como Mário Barreto, Silva Ramos, Said Ali, Augusto Magne, Sousa da Silveira, Clóvis Monteiro e tantos outros passaram a fazer parte do cenário cultural e filológico dos povos daquém e dalém mar, além de merecerem comentários abonadores de autoridades mundiais de notório e comprovado saber filológico.

Para que me não torne mais enfadonho e me restrinja a quem mais nos diz respeito, agrada-me lembrar que, a propósito das teses: *Da Tendência Analítica na Evolução do Nosso Idioma* e *Da Influência do Tupi no Português*, Rio de Janeiro (Empresa Gráfica), 1926, 8.º, 93 et 55 p. assim se expressa Meyer Lübke, o grande filólogo alemão, autor da monumental *Gramática das Línguas Romanicas*: "J'ai reçu vos deux brochures et je vous en remercie bien. Je les ai lues et étudiées avec beaucoup d'intérêt et surtout celle sur l'influence du toupî sur le Portugais a enrichi bien mes connaissances. Mais aussi l'autre est bien faite et prouve que vous connaissez parfaitement les méthodes linguistiques, que vous les appliquez avec bon sens et clarté". (7)

Não menos abonadora e incentivadora é a carta de Albert Dauzat, o notável lingüista francês, estampada em (*Revue des Langues Romanes*, VII — XII — Juillet-Décembre, 1927). (7)

Nela, sobretudo quanto à primeira tese, Dauzat sugere que seria “desejável que Clóvis Monteiro consagrasse um futuro trabalho ao estudo do português falado no Brasil, indicando as variantes segundo o meio social”.

De Portugal, a propósito de *Português da Europa e Português da América*, após abalizadas ponderações sobre o pensamento do autor e a essência da obra, diz Fidelino de Figueiredo: “O livro de V.Exa., redigido em português puríssimo, é uma prova deste asserto: registrando o movimento da língua na América por sendo diversa da da Europa, V.Exa. fá-lo num português portuguesíssimo, ainda enriquecido com modos novos, para V.Exa. indispensáveis, para nós, alguma vez supérfluos.” (7)

Sobre a mesma, obra, expressa-se Karl Vossler, dizendo-lhe o seguinte: *Ho letto subito alcuni capitoli che m'interessano particolarmente, cioè tutti quelli dela seconda parte, li quali contengono, per me, una quantità di cose nuove, esposte con molto garbo e senso critico*”. (7)

Para que não me alongue mais no panegírico, permitam-me incluir, neste trabalho, o notável filólogo e acadêmico português, professor da Universidade de Lisboa, José Joaquim Nunes, cujas palavras abalizadas dão a dimensão do Patrono da Cadeira n.º 9 desta Academia: “Apesar da aridez do assunto, como tudo o que tem a Ciência por objeto. V.Exa. trata-o por forma tão elegante que prende o leitor do princípio ao fim.

Na questão ortográfica vi com satisfação que V.Exa. partilha da opinião portuguesa. nem outra cousa era de esperar dos seus conhecimentos filológicos...”. (7)

Eis, pois, alguns fortes motivos pelos quais se reverencia o mestre conspícuo que, em oportuníssimo pronunciamento, um de seus ilustres colegas tão bem apresentou: “Na cátedra da Universidade, ninguém o superava em clareza e na força expositiva de sua especialização. Foi o mais completo professor de filologia portuguesa deste reduto universitário, porque reunia, ao conhecimento especializado, à erudição, à cultura humanística e ao saber, uma incisiva capacidade de transmissão verbal. (1)

Assiste-nos razão, portanto, a todos nós, para que, num gesto de reconhecido orgulho cearense, prestemos calorosa homenagem

àquele sobre quem o há pouco citado mestre, o Prof. Joaquim Ribeiro, mais uma vez, em felicíssima peroração, assim se manifestou: "Honrou a filologia, e honrando a mais humanística de todas as ciências, dignificou o Brasil perante a Humanidade. (1)

Eis por que não faltou ao "grupo de discípulos formados em torno da figura daquele nordestino de alma grande e feito profundamente aconchegador, que foi Clóvis Monteiro, a feliz iniciativa para "de modo expressivo, crescente, em número e em expoentes, à proporção que passa o tempo", conforme expressão afetuosa de Haroldo Lisboa da Cunha — Magnífico Reitor da Universidade do Estado do Rio, "criar" e manter florescente "o Centro de Estudos Filológicos Professor Clóvis Monteiro", "uma entidade científica e cultural que tem como finalidade", conforme o Art. 1.º, Capítulo I, dos seus Estatutos, "incentivar e desenvolver a pesquisa filológica e os estudos superiores da Língua Portuguesa". (1)

A Clóvis Monteiro, portanto, a profunda homenagem do titular da cadeira n.º 9, que o tem como modelo e Patrono.

A ele, repito, a homenagem da valorosa grei de acadêmicos aqui presentes, que pugna, com denodo insopitável, em prol da "língua inculta e bela" "na qual quando imagina, com pouca corrupção crê que é a Latina". (4)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de *Miscelânea Filológica*, Em Honra à Memória do Prof. Clóvis Monteiro (Organizada por —) Rio de Janeiro, Editora do Professor, 1965. p. XIII-XVII p. 107-121.
2. BARREIRA, Dolor Uchoa. *História da Literatura Cearense*. Fortaleza, Edições do Instituto do Ceará, 1962. p. 184-211.
3. BILAC, Olavo. *Poesias*. Rio de Janeiro, Livraria AGIR Editora, Coleção Nossos Clássicos, 1968. p. 84.
4. CAMÕES, Luís Vaz de. Os Lusíadas In: *Obra Completa*, Rio de Janeiro, Aguilar, 1963. p. 16.
5. ELIA, Sílvio. *Ensaos de Filologia*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1963. p. 170 a 202.
6. GIRÃO, Raimundo. *Antologia Cearense* (Organizada por —). Fortaleza, Imprensa Oficial, 1957. p. 102.
7. ——— e SOUSA, Maria da Conceição. *Dicionário da Literatura Cearense*. Fortaleza, Imprensa Oficial do Ceará — IOCE, 1987. p. 162.
8. MONTEIRO, CLÓVIS do Rego. *Da Tendência Analítica na Evolução do Nosso Idioma*. (Tese). Rio de Janeiro, 1933.

9. ———— *A Linguagem dos Cantadores*. (Tese). Rio de Janeiro, 1933.
10. ———— *Nova Antologia Brasileira*. Rio de Janeiro, F. Briguet & C. Editores, 1933.
11. ———— *Português da Europa e Português da América*. 3.^a Edição, Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1959.
12. NETO, Serafim da Silva. *Manual de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957. Explicação XII
13. OLIVEIRA, Alberto de. *Poesia*. Rio de Janeiro, Livraria AGIR Editora, Coleção Nossos Clássicos, 1959. p. 79.